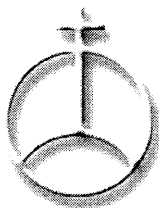


VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 7



PORTO ALEGRE
2006

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Regina Zilberman, PUCRS,
rzilberman@pucls.br

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra,
c.a.reis@mail.telepac.pt

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela,
fgtorres@usc.es

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, PUCRS,
mgbordini@pucls.br

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pelas *homepages* da AIL:

www.lusitanistasail.net; www.pucls.br/ail

Informações pelo *e-mail*:

lusitanistasail@terra.com.br

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 7 - Dezembro de 2006

Diretor:

Regina Zilberman

Diretor Executivo:

Benjamin Abdala Junior

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Cláudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Endereço eletrónico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação: Helder Macedo; Regina Zilberman
Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet
Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

EDIPUCRS, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102



SUMÁRIO

EDITORIAL	07
APRESENTAÇÃO	09
ÁFRICA	
ANA MARGARIDA FONSECA Desafios da mestiçagem: o realismo mágico em questão	13
JOSÉ PIRES LARANJEIRA Mulheres que escrevem: Noémia, Alda, Conceição, Chiziane ..	31
MARIA MANUELA JALES C. DE ARAÚJO Francisco José Tenreiro e Noémia de Sousa: um diálogo com as vozes negro-americanas de Harlem	41
MARIA NAZARETH SOARES FONSECA Coreografias da escrita literária: diálogos e modulações	53
PETAR PETROV Intertextualidade e criação literária: Guimarães Rosa, Luandino Vicira e Mia Couto	67
ANGOLA	
CARMEN LUCIA TINDÓ RIBEIRO SECCO A poesia angolana pós-independência: tendências e impasses ..	83
ELIZABETH R. Z. BROSE <i>A Gloriosa Família</i> : transtextualidade e tradução	101
LAURA CAVALCANTE PADILHA O movimento programático do anticolonial no âmbito da literatura angolana	117

CABO VERDE

BENILDE JUSTO CANIATO
Cabo Verde: a fome em sua literatura 131

BENJAMIN ABDALA JUNIOR
Globalização, cultura e identidade em Orlanda Amarílis 145

JANE TUTIKIAN
Germano Almeida, tradutor de uma nova realidade 161

MOÇAMBIQUE

J. D. COSME
Moçambicanidade vs. africanidade: a construção de
nacionalidades literárias nos mundos anglófono e lusófono 177

MARIA APARECIDA SANTILLI
Maravilhas do conto fantástico de Mia Couto 193

MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS
O eu possível na dança do amor: *Niketche*, uma história de
poligamia 207

RITA CHAVES E TÂNIA MACEDO
Entrevista com Mia Couto 219

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

INOCÊNCIA MATA
A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das
ruminações afetivas 235

RUSSELL G. HAMILTON
A dolorosa raiz do micondó: a voz poética intimista, são-
tomense, pan-africanista e globalista de Conceição Lima 253

OS AUTORES 267

EDITORIAL

Os estudos das produções literárias à margem do sistema hegemônico têm sido matizados pelo conceito de diferença. Situam-se, na óptica de uma crítica mais tradicionalista, não apenas como literaturas diferentes, mas com fronteiras rígidas. Se essa qualificação pode ser eventualmente interessante, quando se tem em vista respeitar a alteridade, por outro, ela pode ser problemática, implicando encerrar tais literaturas em delimitações fechadas, isolando-as do contexto mais geral, com o qual efetivamente elas se imbricam. Por outro lado, as diferenças, para quem se posiciona nos centros de poder simbólico, são sempre atribuídas à periferia do sistema. Diferentes são as outras literaturas, nunca as centrais. É uma inclinação do pensamento, análoga à rotulação do étnico. Étnicos, isto é, negros, hispânicos etc. são os outros, nunca os próprios. Os próprios são portadores dos padrões etnocêntricos de excelência, reunindo as purezas de Ariel; os outros são os mestiços afins de um Caliban, para nos valer de uma das muitas leituras dessas personagens de Shakespeare.

Em confluência com essas formas de catalogação está a tendência à guetização da diferença. Democracia, neste caso, procura ser rimada com exclusão, o que é uma impossibilidade, como alguns dos ensaios deste número de *Veredas* permitem inferir. São aqui focalizadas criticamente as literaturas africanas de língua oficial portuguesa. Literaturas híbridas, de múltiplas fronteiras, como poderá ser observado. Literaturas compósitas, em que se mesclam várias tradições, a partir do solo e do pensamento de cada uma das nações africanas. Ao contrário dos essencialismos étnicos, que podem levar à guetização, são literaturas que se mostram com fronteiras de múltiplas articulações. Além das fronteiras internas, onde interação múltiplas culturas, há as externas que se manifestam em cada país. Relevem-se, nesse sentido, nas fronteiras africanas, aquelas que apontam para os países africanos da mesma comunidade lingüística. E comunitário se alarga para o Brasil e Portugal, por onde circulam cada vez mais as produções africanas.

Embora as literaturas africanas em língua portuguesa estejam estreitamente ligadas à consolidação do Estado-Nação – seu estatuto independente é fato historicamente recente –, elas não se limitam à construção de passados míticos. Isto é, ao procurarem o que neles é singular, suas diferenças, distanciam-se da construção de identidades circunscritas ao mítico. Melhor, por serem híbridas, fazem da mescla cultural que veio da experiência histórica um fator de produtividade artística e de inserção supranacional. E da mesma forma que os africanos podem descortinar, nas literaturas do Brasil e de Portugal, facetas do comunitarismo cultural que os envolvem, também brasileiros e portugueses têm evidenciados, nessas literaturas, traços que os identificam com os africanos. Há uma experiência histórica comum que envolve essa comunidade lingüístico-cultural, que o texto literário nela produzido pode relevar, além – é evidente – dos valores mais gerais que são próprios da literatura.

A Direção da Revista

APRESENTAÇÃO

A avalanche de transformações em todos os campos, que marcou o século XX, transformações de barreiras econômicas, políticas, sociais e culturais, a “falência das utopias”, o avanço das comunicações, a mundialização do capitalismo, acentuando desigualdades, inferiorizações e exclusões, trouxe, também, o interesse pelas chamadas literaturas terceiro-mundistas no primeiro mundo. Questões como pós-colonialismo, nacionalismo, identidade e alteridade terminam ocupando significativo espaço em textos nacionais, ficcionais ou não.

Aí, as literaturas africanas de língua portuguesa debruçam-se sobre a repensagem de sua história, imediata ou não, através de abordagens estéticas muito particulares na produção de uma memória histórica. Rompe-se com o oficial, o fixo e o codificado, e abre-se o leque das plurissignificações e do dialogismo. O texto, resguardado o poder encantatório, se inscreve no real, projetando-se na direção do documento e da reflexão.

Nesse sentido, a África se desvela, diante do Ocidente, através da sua literatura, com seus problemas reais, contrariando o exotismo e o misterioso, colocando na mesa o debate sobre o pós-colonialismo, que está no cerne do debate sobre a identidade contemporânea. É justamente a visão crítica desse universo que a Revista *Veredas*, em seu sétimo número oferece aos seus leitores.

A Revista foi dividida em seções. A primeira delas é *África*. Aí, Ana Margarida Fonseca reflete sobre a importância e as funções assumidas pelo maravilhoso ou mágico em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, e *A geração da utopia*, de Pepetela, integrando esta questão no debate acerca da hibridização ou mestiçagem nos espaços pós-coloniais. Pires Laranjeira, por sua vez, mostra que as mulheres africanas começaram a escrever e a publicar quando se atingiu uma consciência nacionalista que permitiu a aspiração à criação de um movimento cultural independentista sustentado num projeto de igual teor político independentista, emparccirando com os ho-

mens-escritores; entretanto, na literatura, elas continuam minoria. Maria Manuela Jales C. de Araújo coloca em evidência o diálogo entre o são-tomense Francisco José Tenreiro e a moçambicana Noémia Sousa com as vozes negro-americanas de Harlem. Maria Nazareth Soares Fonseca aponta para o fato de que muitos textos das literaturas africanas de língua portuguesa, ao evidenciarem a consciência de pertencimento a espaços significados por larga tradição oral, optam por uma elaboração literária voltada para as tradições coletivas de canto, dança e de relações que revelam um contato mais intenso com o corpo, compondo diferentes escritas. Ainda dentro dessa seção, Petar Petrov analisa o projeto literário de Guimarães Rosa, relacionado com a especificidade da estória, e sua repercussão em tendências artísticas assumidas por outros autores de língua portuguesa, notadamente Luandino Vieira e Mia Couto.

Na seção denominada *Angola*, Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco reflete sobre a poética produzida pelas e a partir das Brigadas, quando se rompe com o tom épico dos poemas de combate que dominaram a cena literária entre 1960 e 1975, abraçando um viés lírico e uma reflexão profunda acerca de questões humanas e literárias. Elisabeth R. Z. Brose estuda o narrador de Pepetela, em *A gloriosa família*, mostrando-o como um tradutor de culturas, sujeito da fronteira, da negociação cultural entre diversos povos. Laura Cavalcante Padilha levanta subsídios que permitem uma abordagem mais sistematizada sobre o movimento programático surgido, em Angola, na segunda metade dos anos 40 do século XX (entre 1948 e 1975), chamado, pela crítica, de *literatura anticolonial*.

Cabo Verde é re-visitado por Benilde Justo Caniato, que revela, através da trajetória da fome, como, literariamente, Cabo Verde evoluiu do condicionalismo colonial das primeiras décadas do século XX para um estado de conscientização, em que a verdade histórica do Arquipélago passa a ser registrada. Benjamin Abdala Junior analisa a obra da escritora Orlanda Amarílis, demonstrando como, em meio ao individualismo e à indiferença que marca nosso tempo, ela recoloca o homem no centro de suas preocupações, resgatando a memória cultural de seu povo. Jane Tutikian investiga *Meu poeta* e *Eva* sob o prisma da re-leitura, pela ficção, da História pós-colonial, apontando nesta confluência, a partir da própria con-

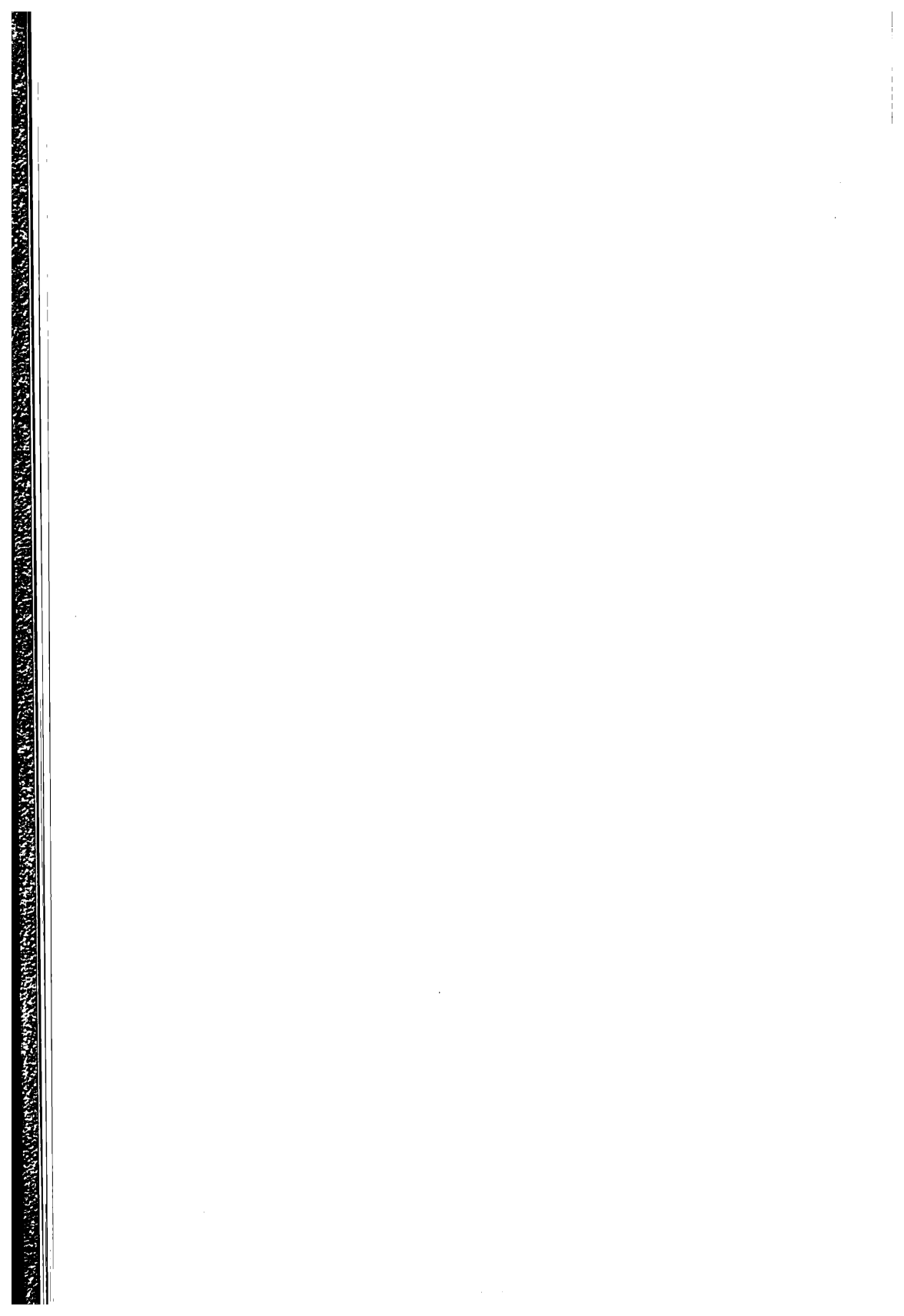
fluência de espaço e de tempo, de diferenças culturais, inclusões e exclusões, colaborações e contestações, a forma como a identidade nacional (política e cultural) ganha outra face. São os novos signos os que Germano Almeida busca traduzir.

A seção que trata de *Moçambique* toma a atenção de J. A. D. Cosme, que compara os universos críticos da África anglófona e de Moçambique, através da análise de alguns discursos dominantes, problematizando, a partir daí, conceitos de africanidade e moçambicanidade, como de qualquer valor nacional. Maria Luiza Ritzel Remédios, por sua vez, em “O eu possível na dança do amor: *Niketche*, uma história de poligamia”, coloca em evidência como, com Rami, desvela-se um país que oscila entre tradição/modernidade, territorialidades codificadas e as desterritorializações submetidas aos fluxos exteriores; entre o homem a quem a sociedade tudo permite e a mulher humilhada, mas que, em nome do amor, é capaz de se reerguer. Maria Aparecida Santilli investiga o fantástico como elemento estético e social na narrativa curta do escritor moçambicano Mia Couto, e Rita Chaves e Tânia Macedo trazem uma instigante entrevista com o escritor moçambicano.

Na última seção, *São Tomé e Príncipe*, tanto Inocência Mata quanto Russell Hamilton voltam-se para a obra de Conceição Lima. Inocência Mata desbrava o lirismo e a intensidade épica, na obra da poetisa, para resgatar daí o seu significado de pertença e de identidade; Russell Hamilton sublinha aspectos relevantes da forma, do conteúdo e do contexto sociohistórico, para colocá-la entre os poetas mais importantes não só de São Tomé e Príncipe, mas também dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, da Comunidade de Países de Língua Portuguesa e do mundo global.

Assim, a Revista *Veredas*, neste número, abrangendo a multiplicidade de idéias e discursos, oferece aos leitores textos de indubitável qualidade, procurando mostrar a África pela África, por sua literatura, o que é fundamental nestes tempos em que a nossa identidade se redefine como multirracial e multicultural.

Jane Tutikian
Organizadora



***A dolorosa raiz do micondó:*
a voz poética intimista, são-tomense,
pan-africanista e globalista de
Conceição Lima**

RUSSELL G. HAMILTON

Universidade de Vanderbilt

Maria da Conceição Costa de Deus Lima nasceu, em 1961, na ilha de São Tomé. Usando o nome Conceição Lima, ela destaca-se entre os são-tomenses que começaram a escrever e publicar poemas a partir do pós-independência. Com apenas 19 anos de idade, Conceição Lima, a mais jovem entre todos os delegados, participou da 6ª Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos que decorreu, em 1979, em Luanda. Numa mensagem eletrônica que me enviou recentemente, ela confessa que hoje não resgataria nenhum poema daquela fase da sua juventude.

Acontece, porém, que no que podemos denominar a segunda fase da sua juventude, Conceição Lima iniciou a sua carreira de escritora com poemas publicados em jornais, revistas e antologias. A sua estréia foi em 1984, o ano em que ela estava entre cinco são-tomenses que chegaram à maturidade no pós-independência e contribuíram com uma antologia de apenas dez poemas. Entre os seis

são-tomenses que têm poemas publicados na referida antologia, a única que não pertence à geração mais nova é a conceituada Alda Espírito Santo, que iniciou a sua carreira de escritora na década de 1950. A antologia é um caderno, organizado por Frederico Gustavo dos Anjos, que reúne apenas treze poemas e leva o seguinte título engenhoso: *A descoberta das descobertas ou as descobertas da descoberta*.¹ Ao abrir o caderno vê-se que o primeiro poema chama-se “Descoberta” e é da autoria de Conceição Lima. Referindo-se ao poema de abertura na antologia, o organizador Frederico Gustavo dos Anjos, numa “Nota introdutória do autor” a um segundo caderno, sendo este um estudo analítico-interpretativo, publicado em 1985, que leva o título *As descobertas da descoberta ou a dimensão de uma mensagem poética*,² faz algumas observações pertinentes com respeito ao poema de Conceição Lima:

“Descoberta” representa o resultado da visão objectiva que permite considerar de maneira justa e não por mero acaso os altos e baixos de toda uma situação conflituosa, mas objectiva, gerada por contradições sociais que não podem ser ignoradas. Então a ‘Descoberta’ faz o balanço das esperanças e dos feitos, dos sonhos e das possibilidades, do real e do ideal. E é Conceição Lima quem faz (pretende?) a constatação colectiva. Colectiva quererá dizer já de todos? (p. 10)

Constata-se que no âmbito da então emergente literatura são-tomense pós-colonial, Conceição Lima era de fato uma revelação, ou seja, uma “descoberta”. A sua voz poética intimista, mas também essencialmente coletiva, exprimia o sentido de idealismo revolucionário que caracteriza a obra literária produzida pela maioria dos mais jovens da “geração da utopia” (tomando emprestado o título do romance do angolano Pepetela)³ de todos os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), durante os primeiros anos da independência.

¹ ANJOS, Frederico Gustavo dos (org.). *A descoberta das descobertas ou as descobertas da descoberta*. São Tomé: Empresa de Artes Gráficas, 1984.

² _____. *As descobertas da descoberta ou a dimensão de uma mensagem poética*. São Tomé: Empresa de Artes Gráficas, 1985.

³ PEPETELA. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

Ao longo dos anos desde a independência, Conceição Lima, embora com cada vez menos idealismo ufanista, tem continuado a cultivar na sua poesia uma “santomensidade” às vezes provocante, no sentido mais positivo do termo, e sempre esteticamente atraente. Nota-se que com a passagem dos anos a voz poética de Conceição Lima vem imbuindo-se cada vez mais de um intimismo autobiográfico. E a sua poesia, com respeito à forma e conteúdo, tem atingido um alto grau de valor estético. Verifica-se que a sua prolongada vivência no exterior tem contribuído bastante com a sua sensibilidade de artista e a sua familiaridade com a condição humana universal. Depois de completar os estudos secundários em São Tomé, entre 1981 e 1983, ela seguiu um curso de jornalismo em Lisboa. Em 1988, por razões tendo que ver com a sua carreira profissional incipiente e também com desagradados com certos elementos oficiais na sua terra natal, Conceição Lima deslocou-se para a Inglaterra, onde permaneceu até 1991. Com a abertura para o multipartidarismo em São Tomé e Príncipe, ela voltou para a pátria. Porém, por razões educacionais e profissionais, em 1996, ela de novo deslocou-se para Londres, onde ainda reside. No ano 2000, Conceição Lima licenciou-se em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros pelo King’s College de Londres, e, em 2003, fez o mestrado em Estudos Africanos, com especialização em Governos e Políticas em África, pela Escola de Estudos Orientais e Africanos de Londres. Juntamente com os benefícios propiciados pelos estudos universitários, as viagens e a residência no estrangeiro ampliaram a sua visão são-tomense e pan-africanista do mundo, e simultaneamente proporcionaram certo enlevo saudosista à “santomensidade” que caracteriza muitos de seus poemas. Convém reiterar que a esta altura Conceição Lima reside em Londres há dez anos, onde trabalha como jornalista e produtora dos serviços de Língua Portuguesa da Cooperação de Radiodifusão Britânica (BBC – British Broadcasting Corporation). E ela tem tido a oportunidade de visitar vários países africanos. Numa mensagem de correio eletrónico recém-recebida de Conceição Lima, ela me informa que nos últimos três anos esteve no Gabão, nos dois Congos, na Serra Leoa, na Nigéria, na Etiópia, em Camarões, na Guiné-Equatorial, em Moçambique e em Angola. E ela já visitou Cabo Verde em duas ocasiões. Esteve também na América do Sul, na Colômbia e na Venezuela, mas, algo surpreendentemente, ainda não

no Brasil. Porém, a fim de participar do quadro de um programa dedicado à cultura africana, na década de 1980, Lima visitou seis cidades nos Estados Unidos.

Enquanto seguia sua carreira profissional, através dos anos da última década do século XX e da primeira década do século XXI, Conceição Lima tem continuado a escrever poemas, muitos dos quais publicados em jornais, revistas e antologias. Fragmentos e dois poemas da autoria de Conceição Lima estão inseridos na *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*,⁴ um volume coordenado por Carmen Lucia Tindó Secco e editado no Rio de Janeiro em 1999. O que constitui um verdadeiro reconhecimento do lugar que ela ocupa na história da poesia são-tomense desde os tempos coloniais até o presente é que nessa referida antologia Conceição Lima é a única são-tomense da primeira geração pós-colonial a ter poemas seus publicados juntamente com os daqueles da autoria de vários que chegaram à sua maturidade antes, alguns bem antes, da independência. Os poemas já “clássicos” escritos pelos “mais velhos” e inseridos na antologia são de Caetano da Costa Alegre (1864-1890), Marcelo da Veiga (1892-1976), Francisco José Tenreiro (1921-1963), Alda Espírito Santo (1926), Tomaz Medeiros (1931) e Maria Manuela Margarido (1926).

Entre 1982 e 2005, acham-se poemas de Conceição Lima inseridos em jornais, revistas e antologias editados em vários países. Alguns de seus poemas, publicados em revistas em Bogotá, Colômbia, aparecem em português e traduzidos ao espanhol, juntamente com um também em inglês.

O útero da casa, o primeiro livro de Conceição Lima,⁵ foi publicado em 2004 pela Editorial Caminho de Lisboa. Na sua “Apresentação” dessa coletânea de poemas, Inocência Mata, uma professora universitária especializada nas literaturas africanas de língua portuguesa, e compatriota de Conceição Lima, afirma que “(d)epois de quase duas décadas de poemas dispersos, Conceição Lima só agora sentiu a urgência de reunir em livro alguma poesia, recuperan-

⁴ SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro (coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1999. v. 3.

⁵ LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

do alguns poucos, sendo, por isso, grande parte deste livro poemas inéditos” (p. 11). Como indica o título metafórico do volume, os poemas reunidos na coletânea ou implícita ou explicitamente abordam temas tendo que ver com o nascimento da personagem poética e das suas origens étnicas. O título do primeiro poema no volume é “Mátria”, sendo esta uma palavra *portmanteau*, formada, evidentemente, por uma combinação de “mãe” e “pátria”. Tal título dá fé à índole intimista, caseira, patriótica e saudosista de muitos dos poemas inseridos no volume.

Verifica-se que a índole intimista e o enfoque em origens e família que caracterizam muitos dos poemas reunidos no primeiro livro de Conceição Lima também se manifestam no seu segundo livro, *A dolorosa raiz do micondó*,⁶ publicado em 2006, cujo título metafórico refere-se especificamente à questão de origens. Existe, portanto, um componente em muitos poemas reunidos nesse segundo volume que envolve origens, mas com uma ênfase, com respeito a etnia, em ancestralidade. Antes de mais, convém notar que o micondó é uma espécie, nativa de São Tomé e Príncipe, do baobá, uma árvore encontrada em grande parte da África, ao sul do Saara. O baobá tem um tronco enorme, e a árvore pode atingir uma altura de 23 metros e tem raízes que penetram a terra profundamente. Além do mais, a vida dessa árvore tropical é capaz de exceder 2000 anos. Devido a suas proporções gigantescas e a sua longa vida, assim como aos seus benefícios econômicos, os povos indígenas têm o micondó / baobá em alta estima. Para muitos é uma árvore simbólica, mítica e mesmo sagrada. Condizendo com a tradição nativista da árvore, Conceição Lima, no poema “São João da Vargem”, inserido no volume, compôs a seguinte estrofe, em que a voz poética exclama: “O micondó era a força parada e recuada / escutava segredos, era soturno, era a fronteira / e tinha frutos que bailçavam, baloiçavam / nunca paravam de baloiçar” (p. 58). Aliás, o vocábulo “micondo” aparece em 4 dos 27 poemas reunidos no volume. E em vários outros poemas, tais vocábulos como “raiz”, “folhas” e alusões simbólicas em torno de relações familiares e ancestrais constituem referências implícitas à árvore de “força parada e recuada”. Portanto, Conceição Lima utiliza a imagem do micondó porque na

⁶ LIMA, Conceição. *A dolorosa raiz do micondó*. Lisboa: Caminho, 2006.

“mátria” essa árvore possui uma duradoura importância socioeconômica, cultural e psicológica. Constatase que a “raiz dolorosa” alude à lastimosa tenuidade da ligação que os habitantes de São Tomé e Príncipe mantêm com os antepassados oriundos do continente africano tão próximo. E sem dúvida muitos dos micondós ainda vivos têm raízes ligadas ao passado longínquo, inclusive à “dolorosa” época da escravidão.

“Canto obscuro às raízes”, o primeiro poema no volume, cujo título é fiel ao micondó metafórico, aborda, desde uma perspectiva autobiográfica, os temas mais evocativos que percorrem a obra de Conceição Lima. Vão citados alguns versos de “Canto obscuro às raízes”, começando com as seguintes estrofes de abertura:

Em Libreville
não descobri a aldeia do meu primeiro avô.

Não que me tenha faltado, de Alex,
a visceral decisão.
Alex, obstinado primo
Alex, cidadão da Virgínia
que ao olvido dos arquivos
e à memória dos griots Mandinga
resgatou o caminho para Juffure,
a aldeia de Kunta Kinte –
seu último avô africano
primeiro na América.

Digamos que o meu primeiro avô
meu último continental avô
que da margem do Ogoué foi trazido
e à margem do Ogoué não tornou decerto.

O meu primeiro avô
que não se chamava Kunta Kinte
mas, quem sabe, talvez, Abessole.

O meu primeiro avô
que não morreu agrilhado em James Island
e não cruzou, em Gorée, a porta do inferno.
(p. 11-12)

O canto entoado pela voz poética é obscuro porque as raízes familiares e étnicas do afro-descendente são difíceis de verificar. Mas por causa do sucesso de Alex, um “primo” afro-americano na procura de suas origens de família e étnicas, o são-tomense, apesar de não descobrir em Gabão a aldeia de seus antepassados, continua a viagem à procura das raízes. O são-tomense, ou, em termos autobiográficos, a são-tomense, evoca Alex Haley (1921-1992), um jornalista e escritor afro-americano, autor de *Roots (Raízes)*,⁷ uma história romanceada, porém aparentemente baseada em fatos verídicos. Na sua história épica, editada em 1976, Alex Haley, com a ajuda de estórias orais transmitidas por membros de sua família e, segundo ele, verificadas por documentos, descobre o seu “primeiro avô”. Haley, o descendente afro-americano, viajou para a Gâmbia e, segundo ele, lá descobriu, através do relato oferecido por um *griot*, um antepassado seu, de nome Kunta Kinte, do grupo étnico mandinga, que nasceu, em 1750, na aldeia de Juffure. Em 1776, Kunta Kinte foi raptado por traficantes de escravos e transportado para a América do Norte.

Seja ou não baseado numa história verdadeira, e apesar de acusações de plágio, venderam-se mais de oito milhões de exemplares de *Roots*, o qual foi traduzido para 26 idiomas. E em janeiro de 1977, em oito noites consecutivas, uma minissérie televisada, baseada em *Roots*, atraiu milhões de espectadores nos Estados Unidos e no mundo afora. Além de inspirar muitos afro-americanos a desejar descobrir suas raízes, desde o seu lançamento o livro e a série vêm levando descendentes vivendo em outras “diásporas africanas” a procurar identificar as suas origens no continente. Evidentemente, a autora de *A dolorosa raiz do micondó*, por ser jornalista, produtora da BBC e residente de longa data no exterior, possui uma visão cosmopolita, e tem, portanto, uma familiaridade com o empreendimento globalista lançado por Alex Haley. Em “Canto obscuro às raízes”, Conceição Lima poetifica, através de linguagem, imagens, lirismo e ritmos, a procura da origem e legados de seu “primeiro avô” trazido por traficantes de escravos para São Tomé e Príncipe, ilhas que vieram a constituir uma diáspora africana cujos habitantes falavam, e ainda falam, crioulos de base portuguesa, em vez das línguas

⁷ HALEY, Alex. *Roots*. Garden City; New York: Doubleday, 1976.

índigenas do continente, e receberam nomes cristãos proferidos pelos colonialistas. A seguinte estrofe identifica que a voz poética é mesmo a da autora: “Eu que trago deus por incisão em minha testa / e nascida a 8 de Dezembro / tenho de uma madona cristã o nome.” (p. 16-17). Na estrofe que segue a voz poética logo afirma:

A neta de Manuel da Madre de Deus dos Santos Lima
 que enjeitou santos e madre
 ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun [excelentíssimo senhor]
 Malé Lima
 Ele que desafiou os regentes intuindo nação—
 Descendente de Abessole, senhor de abessoles.
 (p. 17)

Nessa estrofe de índole anticolonialista, a autora autobiográfica reafirma que é descendente de Abessole, um africano que veio da margem do rio Ogoué no Gabão.

Nesta altura, convém notar que 9 dos 27 poemas reunidos no volume são explicitamente autobiográficos. Nesses versos, a voz poética é de primeira pessoa e identifica-se com um “eu intimista.” Nota-se, porém, que em três dos poemas inseridos na coletânea a voz poética é de “nós”, e aborda as preocupações sociohistóricas e atuais duma coletividade nacional e, em alguns casos, pan-africana e universal. Nos restantes poemas, a voz poética é de um narrador, ou narradora, de terceira pessoa, que dirige-se a um indivíduo ou coletividade.

No âmbito do autobiográfico, destaca-se “Pantufo”, um poema saudosista, originariamente publicado no número 5 da revista *Metamorfozes*,⁸ da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo uma das definições de dicionário, “pantufo” é um “siriri”, e, no poema sob consideração, Pantufo é o nome de uma aldeia piscatória nos arredores da cidade de São Tomé. Seguem citadas as primeiras seis estrofes do poema autobiográfico:

Em Santana nasci
 No Budo-Budo brinquei

⁸ LIMA, Conceição. Poemas de Conceição Lima. *Metamorfozes*, Rio de Janeiro; Lisboa, n. 5, p. 167-71, 2004.

Em São João da Vargem cresci.

Nunca morei no Pantufo
Não me casei no Pantufo
Jamais parti de Pantufo.

Mas Pantufo acende em mim
o fulgor da primeira viagem.

Além da baía, para lá do mundo
Nos confins da distância imerso
O mistério flutava, cintilava
No outro extremo de tudo.

Por isso Pantufo não era Pantufo
Recuado na noite, era um enigma feliz
era Lisboa.

Mas como eu não sabia que Lisboa era Lisboa
Pantufo era somente a outra terra
a que ficava além da ilha, além de mim.
(p. 37-38)

Nas restantes estrofes, a poeta, que nasceu em Santana e foi criada em São João da Vargem, dedica-se a caracterizar Pantufo em termos insinuantemente topofilicos, mas não romanticamente ufanistas. O canto meio obscuro e meio luminoso ritmicamente exprime o que a aldeia é e, por bem e por mal, o que não é, e quem são alguns de seus habitantes, incluindo “Políticos trapaceiros” (p. 38), desde a perspectiva intimista da voz poética que se dirige à coletividade da pequena ilha. E o canto termina com a justaposição de Pantufo, a “Vila ou aldeia ou luxan” (p. 40), com Lisboa, a capital da metrópole do antigo império colonial:

Pantufo
sem fábricas, sem esgotos, sem praças

Agreste recanto que em mim pulsas
Artéria de sal que em mim vibra
Tão aquém do mistério
Tão além de Lisboa.

(p. 40)

A primeira estrofe de “Pantufo”, na qual a personagem poética informa onde ela cresceu, bem pode levar o leitor a querer considerar “São João da Vargem”, um poema em quatro partes, subtituladas, respectivamente, “I O anel das folhas”, “II A sombra do quintal”, “III As vozes”, “IV Os olhos dos retratos”. Ao ler a primeira estrofe da parte I, ouve-se a voz autobiográfica articular recordações da meninice:

Quando eu não era eu
Quando eu ainda não sabia que já era eu
Quando não sabia que era quem sou
os dias eram longos e redondos e cercados
e as noites profundas como almofadas.
(p. 57)

Ao ler as treze estrofes que seguem a acima citada, ouve-se um canto entre obscuro e lucescente que exprime imagens de flora, e.g. árvores “verdes kimis” (p. 58) e o micondó, e de fauna, e.g. swá-swás (cobras verdes – p. 58). E na derradeira parelha de versos da parte I ouve-se a voz animada exclamar: “E eu brincava, eu corria, eu tinha o anel, / o mundo era meu.” (p. 59). O “anel de folhas”, assim como as restantes três partes do poema, simbolizam as raízes ancestrais, familiares e toponimicamente nacionalistas da personagem poética.

No âmbito nacionalista, de acordo com sentimentos de identidade são-tomense, alguns dos poemas inseridos no volume abordam aspectos da história colonial do país relativamente novo. Um dos mais dramáticos de tais poemas é “1953”, este sendo um título que desperta em qualquer são-tomense adulto dolorosas recordações. Pois a 3 de fevereiro de 1953, no povoado Batepá, a inquietação, por parte de forros, estes sendo descendentes de escravos alforriados forçados a trabalhar nas fazendas de colonizadores, resultou em motins. Os colonos proprietários reagiram com violência e massacraram mais de mil pessoas. Na opinião de muitos, esse evento trágico deu início ao movimento anticolonialista em São Tomé e Príncipe. Portanto, logo depois da colônia ganhar sua liberdade, o

governo declarou o aniversário do Massacre de Batepá um feriado nacional.

O Massacre de Batepá evidentemente incitou Conceição Lima a compor, mais ou menos 50 anos depois do funesto acontecimento do passado colonial, um poema evocativo cuja primeira estrofe chega a ser uma reportagem sobre vários eventos históricos, alguns sendo violentos, que ocorreram em várias partes da África durante a década de 1950:

Um vento desgrenha
de lés a lés as marés do Sara
Em Kano a insurreição está nas ruas
Centuriões gauleses esvaziam o trono de Marrocos
Kykuyuland vinga o opróbrio numa orgia de sangue
E na primeria das nações, Kwame, o Africano
projecta a visão de um destino sem fronteiras.
(p. 25)

Nos dois últimos versos da estrofe, a voz poética refere-se ao que é, certamente, um evento histórico positivo. Refere-se à independência do Gana, que em 1957 chegou a ser o primeiro país da África ao sul do Saara a livrar-se de domínio colonial. E Kwame Nkrumah (1909-1972), além de ser o inicial primeiro-ministro e logo presidente da ex-colônia britânica, é considerado o líder pan-africanista arquetípico.

Desde a primeira até a última estrofe, a voz poética intimista, mas não explicitamente autobiográfica, evoca e invoca memórias. Com familiaridade dialogal, a voz poética faz a seguinte interrogação, dirigida ao “pai de África”: “Que dirias tu, Kwame, aos forros massacrados? Que lhes dirias se do crime novas te chegassem?” (p. 27). Na estrofe que segue a citada parêntese de versos, a voz poética oferece uma conjectura a respeito do primeiro líder pan-africanista sentado debaixo dos ramos frondosos duma das tradicionais árvores pan-africanistas:

À sombra do micondó talvez meditasses
na sua inocência, sua culpa, seu tardio pranto

Talvez enxugasses com a fimbria do teu manto
a assustada baba de um pequeno órfão.

(p. 27)

Inseridos no volume há poemas que, refletindo a visão globalista de Conceição Lima, baseiam-se em conflitos violentos ocorridos em outros continentes. O seguinte é o poema que melhor demonstra, em termos de forma e conteúdo, essa visão globalista, “Jenin”, sendo este, é claro, o nome duma cidade da Palestina:

Os bulldozers partem sem fanfarras.
Arrastam na poeira as tiras das sandálias
e o pavor nas asas das galinhas
No seu rasto agonizam as palavras
e o bíblico rosto das oliveiras

O fémur que perfura os escombros
está morto, não tem nome
É uma estaca de marfim
que brilha
amargamente na terra de Jenin

Amanhece em Berlim, outro lugar
Não na Libéria ou nos fields de Freetown
Não no refúgio de Jenin ou em redor de mim.
(p. 50)

A notícia da batalha entre palestinos e soldados israelenses que estourou em abril de 2002 captou a atenção do mundo inteiro, e em alguns países a mídia empregou o rótulo “Massacre de Jenin”. Morreram 23 soldados israelenses e 59 palestinos em Jenin, em contraste com as mais de mil pessoas massacradas em Batepá, mas Conceição Lima evidentemente via certa comparabilidade sociopolítica entre os dois eventos violentos. Conceição Lima, embora incitada pela emissão globalista da notícia da batalha de Jenin, não compôs, porém, um poema noticioso. E apesar das suas aparentes inclinações ideológicas, ela também não escreveu um poema doutrinário nem propagandístico. De certo modo “Jenin” é um poema realista mágico que incorpora aspectos do simbolismo que caracteriza a sua obra em geral. A imagem do “bíblico rosto das oliveiras”

de certo modo corresponde à asserção em “São João da Vargem” que o micondó “... escutava segredos, ...” (p. 58). E as referências no poema “Jenin” a Berlim, Libéria e Freetown, sendo esta a capital de Serra Leoa, manifestam-se em termos geográficos que combinam o intercontinental com o pan-africanismo. Finalmente, constata-se reiterar o elemento realista mágico que presta ao poema uma qualidade algo esotérica, mas nem por isso sem um encanto estético acessível a todos os leitores / ouvintes, seja qual for a sua nacionalidade.

Conclusão

É escusado afirmar que há outros poemas reunidos no volume que merecem ser analisados. É de esperar, porém, que o presente artigo ensaístico elucide aspectos relevantes, tanto com respeito à forma como ao conteúdo e contexto sociohistórico duma obra lírica digna da atenção de um público leitor internacional. Constata-se que em grande parte por meio dos poemas reunidos em *A dolorosa raiz do micondó* Conceição Lima encontra-se entre os poetas mais eminentes não só de São Tomé e Príncipe mas também dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e do mundo global.

OS AUTORES:

Ana Margarida Fonseca é professora no Instituto Politécnico da Guarda, Portugal, atuando na área de Língua Portuguesa, onde desenvolve a pesquisa na área da Literatura Comparada, dentro da Literatura de expressão portuguesa e Estudos pós-coloniais. Publicou: *Projectos de encostar mundos: referencialidade e representação na narrativa angolana e moçambicana dos anos oitenta*. Lisboa, Difel; *Identidades impuras: uma leitura pós-colonial de O esplendor de Portugal*, In: Eunice Cabral; Carlos J. F. Jorge; Christine Zurbach (org.), *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*, Lisboa, Dom Quixote.

Endereço eletrônico: anafonseca@ipg.pt

Benilde Justo Caniato é professora na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Atua na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Organizou: *Linhas e entrelinhas: homenagem a Nelly Novaes Coelho*. São Paulo: Casemiro; *Abrindo caminhos*. São Paulo: Coleção Via Atlântica. Publicou, entre outros: *Um testemunho de mãe*. São Paulo: Lato Senso; *A solidão de mulheres a sós*. São Paulo: Lato Senso, 1996.

Endereço eletrônico: benilde@picture.com.br

Benjamin Abdala Junior é professor titular da FFLCH da Universidade de São Paulo. Pesquisador 1 A do CNPq, é adjunto de representante da área de Letras e Linguística da CAPES, participando de seu Conselho Técnico-Científico. Suas pesquisas situam-se no campo da Literatura Comparada, atuando no âmbito das literaturas de língua portuguesa. Foi um dos introdutores dos estudos das Literaturas Africanas no país. Publicou cerca de quarenta títulos de livros (livros de autoria individual, organização de coletâneas críticas e antologias), entre eles *A escrita neo-realista*; *História social da literatura portuguesa*; *Tempos da literatura brasileira*; *Literatura, história e política*; *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*: um

ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural; *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*.

Endereço eletrônico: benjaminjr@terra.com.br

Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com ênfase em Literaturas Africanas. Atualmente, desenvolve o projeto Pelas Trilhas da Poesia e da Pintura: Angola, Cabo Verde e Moçambique. Pesquisadora PQ – Nível 1 C – Consultora *ad hoc* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Possui vários livros publicados e organizados, entre eles: *A magia das letras africanas*. Ensaios Escolhidos sobre as literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph; *Edição angolana do mar na poesia de Angola* (org.), Luanda: Kilombelombe; MEC – Ministério da Educação e Cultura de Angola; *Antologia do mar na poesia africana do século XX: Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (org.). Rio de Janeiro: Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas; Fac. Letras, UFRJ. v. 3.

Endereço eletrônico: carmenlt.trp@terra.com.br

Elisabeth R. Z. Brose é professora da URCAMP – Universidade Regional da Campanha. Participa de um grupo de estudos da FACED – Faculdade de Pedagogia da UFRGS – sobre mitos de origem africana na educação infantil e formação de repertório. Entre os trabalhos publicados, apresenta: MATA, I.; PADILHA, L. C. ; FONSECA, M. N. S.; BROSE, E. R. Z. *A máscara do texto: duas obras de Pepetela*. Gragoatá: UFF; *A gloriosa família: o tempo dos flamengos – tramas da memória de um escravo?* In: *Colóquio Internacional de Lusitanistas* – 2001, 2002, Porto Alegre. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS; *Culturas dissolvem-se no ar – o desejo de Kianda*. In: IX Congresso Internacional ABRALIC, 2004, Porto Alegre. CD – *Travessias* – IX Congresso Internacional ABRALIC, 2004. Porto Alegre; *Os sertões e Os jagunços: memórias de guerra*. In: GOMES, Gínia Maria (org.), *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Endereço eletrônico: ebrose@uol.com.br

Inocência Mata é professora da Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, onde leciona Estudos Literários, Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Tem como área de investigação as literaturas de língua portuguesa (brasileira e africanas, notadamente, as literaturas de Angola, de S. Tomé e Príncipe e da Guiné Bissau). É uma das organizadoras de *Boaventura Cardoso*: a escrita em processo. São Paulo: Alameda; União dos Escritores Angolanos; autora de *Bendenxa*: 25 poemas de S. Tomé e Príncipe para os 25 anos de Independência. Lisboa; São Tomé: Caminho; Stlada; Instituto Camões; Centro Cultural Português em S. Tomé; *Silêncios e falas de uma voz inquieta*, São Tomé; Lisboa: Mar Além com apoio do Instituto Camões; *A suave pátria*: reflexões político-culturais sobre a sociedade são-tomense. Lisboa: Colibri; entre outras obras.
Endereço eletrônico: imata@netcabo.pt

J. A. D. Cosme é professor assistente de Língua Portuguesa na Universidade de Bristol, Reino Unido, onde dedica-se à pesquisa sobre estudos pós-coloniais. Estudo comparativo da obra de Mia Couto e Chinua (nigeriano), focando principalmente nos temas de nacionalismo e recepção. Entre os trabalhos escritos, podemos citar: Mozambique: un paese ancora da costruire, em *Osservatorio Internazionale Europa Mondo*, suplemento de *Il Dubio*, vol. VI, 1, Roma. “Appropriating Mia Couto: language, identity and lusofonia” em *Bulletin of Hispanic Studies*, Reino Unido; “Mia Couto e os ideais para Moçambique”, em *Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*.
Endereço eletrônico: j.a.d.cosme@bristol.ac.uk

J. L. Pires Laranjeira é professor da Universidade de Coimbra, Portugal, onde atua nas áreas de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Cultura Brasileira, História do Brasil, Política e Estratégia para a Língua e Cultura Portuguesa. Tem sua investigação voltada para as Literaturas africanas de Língua Portuguesa. Possui uma vasta produção, da qual se podem destacar: *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta; *Negritude africana de língua portuguesa*. Textos de apoio (1947-1961), Coimbra, Ângelus Novus; *Ensaio afro-*

literários, Lisboa, Novo Imbondeiro; *Literatura calibanesca*, Porto, Afrontamento; *De letra em riste*, Porto, Afrontamento.

Endereço eletrônico: plaranj@fl.uc.pt

Jane Tutikian é professora Adjunta IV da Universidade Federal do Rio grande do Sul, onde atua na área de Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas. Possui 14 livros publicados e vários organizados. Entre os livros publicados, destacam-se: *Inquietos olhares*: a construção do discurso nacionalista nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis. São Paulo: Arte e Ciência; *Velhas identidades novas*: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto; UFRGS.

Endereço eletrônico: jtutikian@via-rs.net

Laura Cavalcante Padilha é professora Adjunta IV na Universidade Federal Fluminense, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, com ênfase nas Literaturas Africanas. Entre os tantos trabalhos publicados, destacam-se: *Entre voz e letra*: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EdUFF; EdUnB; *O espaço do desejo*: uma leitura de *A ilustre casa de Ramires* de Eça de Queiroz. Niterói; Brasília: EdUFF; EdUnB; *Novos pactos, outras ficções*: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Endereço eletrônico: lcpadi2@terra.com.br

Maria Aparecida Santilli é professora titular da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, com ênfase em outras Literaturas Vernáculas. Coordena o projeto de pesquisa “Vernáculo e Cultura Nacional nos países de Língua Portuguesa”. Destacam-se em sua grande produção: *Paralelas e tangentes* (Entre literaturas de língua portuguesa). São Paulo: Humanitas; *Estórias africanas*: histórias e antologia. São Paulo: Ática; *Africanidade*: esboços literários. São Paulo: Ática; *Entre linhas*: desvendando textos portugueses. São Paulo: Ática.

Endereço eletrônico: santilli@usp.br

Maria Luiza Ritzel Remédios é professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: Ficção Portuguesa, Narratologia, Neo-realismo. Entre suas publicações citam-se: *Literatura confessional*: autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto; *O despertar de Eva*: gênero e identidade na ficção de língua portuguesa. Porto Alegre: EDIPUCRS; *A tragédia*. São Paulo: Ática; *As pedras e o arco*. Belo Horizonte: UFMG.
Endereço eletrônico: ritzelrem@pucls.br

Maria Manuela Jales C. de Araújo é professora de Língua e Literatura Portuguesa do Departamento de Anglisticos da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Desenvolve pesquisa sobre mulheres escritoras pouco conhecidas na literatura africana e afro-americana. A escrita do feminino como espaço silenciado pelo colonialismo. Tem publicados, entre outros, os artigos: “Mia Couto: a ficção enquanto diagnose social e cultural ou a aniquilação do espaço humano e a busca de autenticidade / identidade pela palavra”; “O dis-cursu(s) do Fantástico em *A varanda do Frangipani* de Mia Couto”; “O movimento cultural Harlem Renaissance e Zora Neale Hurston”; “Poetic readings of Modernism in São Tomé and Mozambique or Francisco José Tenreiro and Noémia de Sousa: a dialogue with the negro-american voices of Harlem”.
Endereço eletrônico: manuela.araujo@clix.pt

Maria Nazareth Soares Fonseca é professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Coordenadora do Convênio Interinstitucional e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Outras Literaturas Vernáculas. Atuando principalmente nos seguintes temas: carnavalização – contextualização – literatura. Está vinculada ao projeto de pesquisa “Percurso da memória nas literaturas africanas de língua portuguesa contemporânea”. Tem publicado e organizado livros na área. Entre eles: *Tradição e contemporaneidade: língua e literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; *Projetos poéticos em coreografias da palavra*. Belo Horizonte; *Caderno CESPUC de Pesquisa: literaturas africanas de língua portuguesa*.

Belo Horizonte: Editora PUC Minas; *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Mazza Edições.

Endereço eletrônico: mnfonseca@uai.com.br

Petar Dimitrov Petrov é professor da Universidade do Algarve, Portugal, atua na área de Literatura Portuguesa Contemporânea e tem suas pesquisas voltadas para as Literaturas de Língua Portuguesa (portuguesa, brasileira e moçambicana) século XX. É responsável pela programação e docência do Curso Especializado em Literatura Portuguesa Contemporânea, com incidência na narrativa pós-modernista, ministrado na Universidade de Sófia St. Kliment Ohridski, Bulgária, no âmbito das disciplinas curriculares da Licenciatura em Filologia Portuguesa. Publicou: *O Realismo na ficção de José Cardoso Pires e Rubem Fonseca*; organizou: *Antologia do conto português contemporâneo* (edição bilíngüe Português-Búlgaro) / Антология на съвременния португалски разказ, Five Plus / Пет плюс; *O romance português pós-25 de abril*, Roma Editora, Lisboa; *Aspectos de literatura brasileira. estudos e antologia*, Five Plus, Sófia.

Endereço eletrônico: ppetrov@ualg.pt

Rita Chaves é professora e coordenadora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, onde também dirige o Centro de Estudos Portugueses. É pesquisadora associada do Centro de Estudos Afro-Asiático da Universidade Cândido Mendes. Publicou *A formação do romance angolano*, FBLP. É co-organizadora de *Portanto... Pepetela: literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico; Brasil / África: como se o mar fosse mentira; Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda; União dos Escritores Angolanos.

Endereço eletrônico: ritaezeluis@uol.com.br

Russell G. Hamilton é professor emérito da Universidade Vanderbilt (em Nashville – Tennessee), onde atua na área de Literatura Africana, Brasileira e Portuguesa. Publicou numerosos capítulos, artigos, ensaios e verbetes. Entre suas publicações, destacam-se os livros: *Literatura africana, literatura necessária I e II*. Lisboa, Edições 70; *Voices from an empire: a history of afro-portuguese litera-*

ture. Minneapolis: University of Minnesota Press. Os artigos e ensaios: “Language and cape verdean poetry” em, *Roads to today's Portugal: essays on contemporary portuguese literature, art, and culture*. Edited by Nelson H. Vieira. Providence, R.I.: Gavea-Brown; “Lusofonia, Africa, and matters of languages and letters.” *Hispania* 74, n. 3; “Language and literature in portuguese-writing Africa”, in *Portuguese Studies*, v. 2 (1986), Londres. Um dos seus mais recentes artigos é “Chronicling from the center of the periphery: Estórias Contadas by Germano Almeida,” in *Portuguese literary & cultural studies*, dedicado a Cape Verde: language, literature & music.

Endereço eletrônico: russell.hamilton@vanderbilt.edu

Tânia Macedo é professora nos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual Paulista. É co-organizadora de *Portanto... Pepetela: literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*; *Brasil / África: como se o mar fosse mentira*; *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos. Publicou *Angola / Brasil: estudos comparados*. São Paulo, Arte & Ciência.

Endereço eletrônico: taniamacedo@uol.com.br

